

FERREIRA, C. J. A força silenciosa das personagens Joana Carolina e Teresa, entre bilros e jasmíns, nas narrativas de Osman Lins. *Revista Falange Miúda (ReFaMi)*, Cuiabá, v. 3, n. 2, jul.-dez., 2018.

## **A FORÇA SILENCIOSA DAS PERSONAGENS JOANA CAROLINA E TERESA, ENTRE BILROS E JASMINS, NAS NARRATIVAS DE OSMAN LINS**

---

CACIO JOSÉ FERREIRA\*

\* Mestrado em Literatura - UnB - (2010), Doutorando em Estudos Literários Comparados (UnB).  
[caciosan@hotmail.com](mailto:caciosan@hotmail.com)

**RESUMO:** Sabe-se que a balança é conhecida na qualidade de símbolo de justiça, da prudência, do equilíbrio porque sua função corresponde à pesagem dos atos. Destarte, assim como as personagens Joana Carolina, da narrativa *Retábulo de Santa Joana Carolina* e Teresa, do romance *O fiel e a pedra*, ambos do escritor Osman Lins, há construções fortes da força silenciosa com forte poder de decisão em meio ao tradicionalismo do sertão. Portanto, o presente trabalho propõe uma leitura das mencionadas personagens osmanianas, tendo como base as conjunturas e a maneira de pensar e de sentir o mundo que as rodeia por meio de demonstrações de forças que podem ser lidas por meio do olhar que reflete a experiência. Nos tempo e espaço de Joana e Teresa são expostas suas dores: invisível, visível, trespassável, dura, inimiga que transformam rompantes de iras em atitudes éticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Osman Lins. *Retábulo*. Joana Carolina. Teresa. *O fiel e a pedra*.

## 1. INTRODUÇÃO

Duas mulheres de nomes comuns, de grande e variada experiências e com admiráveis controles de si mesmas, vidas semelhantes, tendo robustez do sertão como paisagem o singlar da sorte. De certa forma, Teresa, em *O fiel e a pedra*, de 1961, é um espelho primeiro de Joana Carolina, em *Retábulo de Santa Joana Carolina*, de 1966. No entanto, o mesmo vigor, a integridade e a inteireza moral são partilhadas como características. Eis, Joana Carolina e Teresa! Segundo Lauro de Oliveira, no livro de 1961, “inconscientemente, Osman já trabalhava a imagem de Joana, que, alguns anos depois, viria a ser em Nove, Novena, uma das mais belas histórias da literatura brasileira” (OLIVEIRA, 2010, p. 38).

A primeira, de olhar azul silencioso e grande, triplamente iluminada, olhar severo e devota de São Sebastião. Tal olhar se torna palavra e representa o amor por Bernardo (marido e, de certa forma, guia), a verdade transmitida nas conversas silenciosas. Joana possui um olhar intensamente azul mesclado de tristeza e raiva mansa. É capaz de sustentar uma rocha que cai sobre a cabeça sem deixar aflorar a emoção. “Vinha, de dentro dela, uma serenidade como a que descobrimos nas imagens de santo, as mais grosseiras. Um som de eternidade” (LINS, 1966, p. 103).

Ambas as personagens, entretanto, apresentam um “zimbório de força”<sup>1</sup> de inabalável afeição no pensar e no enfrentamento do mundo de provas e dores por meio de demonstrações de forças silenciosas expressadas na interpretação singular de um olhar. A resiliência do corpo e do olhar é a manifestação materializada na palavra nas duas mulheres que driblam os rigores da sociedade patriarcal. A força não é medida pelo confronto direto com o oponente, mas por uma singeleza interior, respaldada pelo olhar.

Assim, Joana Carolina e Teresa abrigam no olhar a força que rompem os lampejos e trovões na robustez dos Engenhos Serra Grande e Surrão. Teresa busca no pretérito leituras de fragmentos para recompor no presente a decisão a ser tomada e a força para o enfrentamento de dos dissabores que tentam quebrar a ética de Bernardo. Joana é una e descronologizada<sup>2</sup>, ou seja, a força não está no passado ou no presente. Navega em uma narrativa a perspectivista. “E que outro bem humano existe mais insidioso que as lembranças, com seu dúplice caráter,

<sup>1</sup> Expressão usado por Osman Lins na narrativa *Retábulo de Santa Joana Carolina*, 1966, p. 103.

<sup>2</sup> Termo utilizado por Sandra Nitri em *Poéticas em confronto*, 1987, p.104.

trazendo-nos, ao mesmo tempo, a alegria da posse e a defraudação da perda, sendo esta um reflexo daquela?” (LINS, 1966, p. 130).

## 2. A FORÇA SILENCIOSA

Pensando o caminho trilhado e conduzido por Teresa e Joana, em relação às atitudes diante das adversidades da vida, a balança pode ser o símbolo que mais se aproxima do equilíbrio silencioso e da pesagem dos atos sem um desespero aparente de ambas. Teresa é ao mesmo tempo a pedra que sustenta os golpes do destino e o fiel da balança que mantém o equilíbrio diante das incertezas de Bernardo. Joana também se assemelha ao fiel da balança devido a sua ética incorruptível.

No primeiro mistério de o Retábulo, por exemplo, a parteira comenta a vida difícil que Joana terá e cita a difícil paga da dívida com o lojista contraída pela compra da renda negra em razão da viuvez: “o lojista, como se de posse da **balança**<sup>3</sup> que pesa as nossas virtudes e pecados, lhe escreverá uma carta, lembrando que a hora da morte é ignorada e que, portanto, devemos saldar nossas dívidas, para não sofrer as danações do inferno” (LINS, 1966, p. 88). Ela pagará a dívida com dificuldades. Nesse sentido, ao recorrer ao dicionário de símbolos, percebemos que a balança é a simbologia que caracterizada pelo equilíbrio entre os anos, as estações, os dias e as noites. O olhar azul de ambas é o fiel da balança e a cosmogonia da virtude.

Como a noção de destino implica a de tempo vivido, compreender-se-á que a balança seja igualmente o emblema de Saturno ou Cronos. Juiz e executor, Cronos mede a vida humana, também estabelecendo equilíbrio, igual ou não, entre os anos, as estações, os dias e as noites. Pode-se sublinhar aqui o signo zodiacal da balança é atingido no equinócio do outono; no equinócio da primavera começa o de Áries; nestas datas, o dia e a noite equilibram-se (CHEVALIER, 2008, p. 113).

Assim, o devotamento equilibrado, a resistência às danações da vida, a perseguição que os anos impõe, os divertimentos adormecidos são sopesados pelas personagens, mas a virtude

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

tem um peso superior ao deterioramento de tudo. O fiel da balança permanece no centro seguro pela consciência. Entretanto, tal equilíbrio não expressa passividade das ações de Teresa e Joana Carolina entre o bem e o mal. O clímax do desespero no momento da morte de um filho, por exemplo, não é capaz de desequilibrar a força que ambas possuem. Elas observam de forma ávida a cena que lhes é concedida e enfrentam como heroínas silenciosas as tramas que compõem aquela parte do enredo. Está na índole a fortaleza constituinte. Não há nenhum desejo em relação à prática de heroísmo.

A ação é percebida por quem as circunda e as observa. Também, é possível perceber na narrativa e no romance osmanianos que o silêncio eleva e transforma a dor em uma força quase divina. A cena da morte de Jerônimo não desestabiliza Joana, mas age como algo já previsto dentro das estações da vida:

Jerônimo deitou-se na rede, pediu um chá, juntou os cinco filhos. A água estava fervendo, Joana trouxe a bebida, quente a ponto de queimar os beijos do doente. Ele nem bebeu toda a xícara. Não é, da parte de Joana, para desesperar? Em vez disso, corta o pão da merenda para os cinco filhos, dois à sua esquerda, outros à direita. Pela janela, mascarados contemplam o morto no caixão (LINS, 1966, p. 100).

Destarte, a realidade aparentemente incompreensível, segue a regularidade do trajeto. Joana, firme, mantém no eixo o curso da espiral diante das estações severamente constituídas. Os pratos da balança são preenchidos pelo peso da responsabilidade em cuidar do destino dos filhos. “Dois a esquerda e outros à direita” evitam a oscilação do impulso e da contenção absoluta da vida. Sua atitude assemelha-se a de uma santa rodeada de anjos. Contudo os anjos são humanos que precisam ser alimentados – seus filhos. “Quanta gente miserável nesse mundo!” Largar-se da sua casa, com uma feira de filhos, para ensinar de sete às duas da tarde, sem comer um biscoito, metendo letras e algarismos em trinta e tantas cabeças de quartaus” (LINS, 1966, p. 102). As dificuldades do percurso de vida não mudaram o ritmo das bondades. Um exemplo de bondade foi quando Joana enfrentou os algozes que deveriam acabar com a felicidade de um casal fugitivo, interpelando:

essas duas crianças faz quase uma semana que andam pela terra, sustentados tão só pelo amor deles. Isso vale muito. Venho trabalhando há anos, sem ninguém por mim, para que meus filhos vinguem. Posso ver então

essa moça obrigada a fugir, não levando, de tudo que possui, bens que caibam nem na concha da mão, atrás de um fervor, só porque o pai não quer ouvi-la? Isso é pai? Bem sei que o dinheiro tem valor. Porém maior é a misericórdia. De que serve a um homem ter gado, plantações, se não é capaz de tirar, do próprio coração, alguma grandeza? (LINS, 1966, p. 124).

Em igual equilíbrio e força silenciosa que convence, Teresa ao mostrar a foto do filho morto a Antônio Chá ouve uma afirmação, de certa forma consoladora, mas que poderia levá-la aos prantos. Em vez disso, reforçou sua força intensificando o silêncio revelando neste ato o desdobramento da vida:

\_\_ Tão bonitinho! Pertencia a Deus, dona Teresa.

Novamente o silêncio, as caras sérias. E a lata rolando nas calçadas, os gritos. Teresa, apesar dos pesares, não mudara muito. Aquela testa serena, capaz de aplacar todas as iras – e o agudo nariz, uma agudeza amável, de ponta de asa, os cabelos assentados, a pele transparente, tudo era tão calmo! Sombra de beira de rio (LINS, 1961, p. 22).

A resistência diante de situações dolorosas poderia ser construída dede lamentações e de angústias para uma pessoa que não possui a força das duas personagens. Igualmente enfrentam os desafios sem questionar o merecimento ou não de dos atos dolorosos. As adversidades, pelo contrário, transformam-nas responsáveis pelo sucesso da trajetória imposta pelo destino. O silêncio como forma de enfrentamento não quer dizer que se entregam de forma passiva a dor, ao contrário, amplia a racionalidade diante da clareza da caminhada humana. Assim, a saída encontrada por Tereza e Joana é a impressionante capacidade de dar firmeza à vida, embora saibam que os dilemas não findam. Agem como o oleiro que molda o barro e o leva ao fogo dando a ele o contorno firme de um pote.

Assim, duas pedras mulheres engendram forças que são destinadas aos santos. Não constroem pedestais e se distanciam deles. Priorizam a humanização das almas que circundam suas vidas e doam a elas a leitura do mundo pelo reflexo do olhar. De certa forma, são rochas que refletem a resposta questionada pelo tom do desespero. Tais atitudes corroboram com a definição do dicionário de símbolos em relação à pedra. “Existe entre a alma e a pedra uma relação estreita. [...] **A pedra e o homem** apresentam um movimento duplo de subida e descida. O homem nasce de Deus e retorna a Deus. A pedra bruta desce do céu; transmutada, ela se

ergue em sua direção” (CHEVALIER, 2008, p. 696). Nesse caminho, Teresa e Joana erguem-se diante dos temporais nos Engenhos Serra Grande e Surrão, sopesando o bem e o mal sem alardes.

O caráter quase petrificado de Joana perpassa pela agulha que tece as toalhas de crochê feitas à luz do candeeiro. As peripécias que o viver oferece a ela ligam-se por fios do mesmo novelo assim como uma teia de aranha é construída a partir de um único fio. Ao entrelaçar com a agulha a linha que gera as toalhas insere nela o compromisso de seguir adiante. O bordejar com as mãos não faz de Joana uma mulher adestrada aos ditames da sociedade, mas uma pessoa fiel ao curso do destino. Demonstra a dor raras vezes quando alguma lágrima aflorava no tecer da realidade. Assim como a toalha possui pequenos fragmentos na sua tessitura, há momentos que a lágrima solitária ameniza e aumenta a força criadora do indivíduo. Os contrastes enrijecem a personagem, como por exemplo, o enterro da filha Carminha e o confeccionar das toalhas umedecidas por uma lágrima solitária:

Lá mesmo, entre as árvores, Carminha foi enterrada. Ouvi, em minha febre, mamãe fazer a cova. Os carneiros baliram muito tempo, um balir diferente, pesaroso – tive pesadelos nos quais eles baliam há sete anos (...). As lágrimas saltavam dos cansados olhos de mamãe, moidos de fazer, todos aqueles anos, toalhas de crochê à luz do candeeiro, para vender na cidade. Só então confessou: “Eu tinha tanto medo de ir por essas sendas! (LINS, 1966, p. 110).

De forma análoga, Teresa tece por meio do olhar a força revigoradora de que o marido Bernardo necessita na fazenda do Surrão. Não é muito de expressar com palavras. Enxerga a dificuldade que a rodeia e a solução surge escrita no cândido olhar azul. Quando Bernardo descobre que Nestor pode ter matado o irmão Miguel, ele fica atônito e sem reação. Mansa, humana e confortadora, ela transmite ao esposo mensagens de perseverança e força sem dizer uma palavra:

Nem mais um movimento, um arfar – não era desses sobressaltos que rompem às vezes um sono começado. Teresa percebeu isso. Levantou-se, apanhou o candeeiro e, aproximando do esposo, tocou-lhe o ombro, fitando-o, sem que ele retribuísse o olhar; as pupilas continuaram fixas, o rosto contraído. Ela se afastou calada, com vontade de chorar [...]. Teresa levantou-

se depois, baixou a chama do candeeiro, ficou sentada no leito, durante muito tempo (LINS, 1961, p. 99).

A trajetória de Joana e Teresa não é de mulher ingênua ou desassociada da natureza. Elas conhecem as leis que regem o universo e cumprem o destino, porém sem decair às relações de submissão. Mesmo quando sofrem algum martírio provocado alguém ou caminha por enredos típicos do mundo doméstico, preenchem-no com simbolismos de forças além do comum. O trecho a seguir reforça a barreira de força que se ergue diante de Joana Carolina quando a balança tende a escolher um lado:

[...] “Tenho errado muito, vou acertar minha vida, constituir família”. “O senhor já tem tantas! Mais uma não faz diferença.” Fingi-me de surdo, sai de orelhas queimando, mandei derrubar tudo, varrer de minha frente a janela da qual jamais fui visto. Nada ergui no lugar. A casa para onde mudei Joana, com a escola e os filhos, era uma babilônia. Mesmo assim, um grito solto na sala, chegava apagado à cozinha [...]. Aí, duma só vez, adoeceram seus filhos, todos, a pequena morreu. Sua mãe, que de tempos em tempos vinha lhe fazer uma visita, morreu também aí. Nada abalou a mulher. Levei três anos e meio rondando aquela casa, para um dia perder a paciência e entrar de porta adentro e perguntar-lhe, prometendo mundos e fundos, se queria amigar-se comigo. Nada me respondeu. Fitou-me dentro dos olhos com seu olhar severo. “Responde ou não? Fala. Você e de quê? De madeira? De Pedra? O olhar continuava (LINS, 1966, p. 104).

Como explicar tamanha resistência senão por uma força silenciosa? O pensamento de Bernardo no romance *O fiel e a pedra* pode explicar as reflexões certas que surgem nas profundezas da alma de Joana. Assim argumenta: “a vida humana era insegura e que os homens, desprezando as próprias incertezas, ou talvez para iludi-las, criavam pequenos ritos eternos, que sobreviviam às paixões, à morte, às gerações e asseguravam à espécie uma continuidade invencível” (LINS, 1961, p. 143).

Seguindo o mesmo norte de Joana, por meio da esfera da ira e da doçura, o inevitável olhar de Teresa direcionava as decisões de Bernardo. A segurança diante dos dilemas só era possível com a decisão silenciosa de Teresa. Temeroso no mar de dúvidas em pagar ou não o aluguel do Engenho do Surrão, o esposo se volta para ela e fala:

\_\_\_ Teresa! Recebi uma carta de Nestor. Quer que eu pague os aluguéis que não devo.

Ela entrou em silêncio, reprimindo o desejo de abraçá-lo. Necessário ignorasse Bernardo a mágoa que causava, quando lhe vinha sua precisão de estar só – ou de assim imaginar-se. Imaginar - sem – pois haveria gesto seu de que ela não participasse? Os aluguéis. Isto parecia remoto e sem importância. Ele buscava-a, queria uma palavra sua (LINS, 1961, p. 143).

Dessa forma, a balança sempre tende a pender para um lado. Talvez as flores de jasmim que ornem algumas partes da vida de Teresa ou as açucenas que acompanham o corpo de Joana sejam amenizadores da firmeza e da força silenciosa que ambas apresentam. Elas decifram os percalços da vida e provam que as dolorosas venturas e angústias podem renascer das cinzas sem alarde. São mulheres que não desequilibram no fervor da vida. Transformam os desesperos em gritos de silêncio forjados em uma armadura interior e exterior tecida, quem sabe, de sete passos que as conduzem ao paraíso: o caminho, o tributo da vida, a perseguição, o devotamento, a raiva mansa e o olhar severo, a serenidade da balança, enfim o silêncio como força que move o pensamento.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o símbolo de justiça, da prudência, do equilíbrio e a pesagem dos atos ampliam a força das personagens Joana Carolina, na narrativa *Retábulo de Santa Joana Carolina* e Teresa, do romance *O fiel e a pedra*. O silêncio atua com fonte de poder e de decisão envolto no tradicionalismo do sertão. Nos engenhos do tempo e espaço de Joana e Teresa são expostas suas dores: invisível, visível, trespassável, dura, às vezes inimigas, em sábias respostas ao indivíduo que contesta. Dessa maneira, o círculo gira.

### REFERÊNCIAS

BRUNEL, P. **Dicionários de Mitos Literários**. Tradução de Carlos Sussekind, Jorge Laclette, Maria Thereza e Vera Whately. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Tradução de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

LINS, O. **Nove, novena**. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

\_\_\_\_\_. **O fiel e a pedra**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

NITRINI, S. **Poéticas em confronto**: Nove, novena e o Novo Romance. São Paulo, Hucitec, 1987.

OLIVEIRA, L. de. **Osman Lins**: vocação ética, criação estética. Recife: Bagaço, 2010.

## THE SILENT FORCE OF THE CHARACTERS JOANA CAROLINA AND TERESA, BETWEEN NEEDLES AND JASMIN, IN THE NARRATIVES OF OSMAN LINS

**ABSTRACT:** It is known that the scale is known as a symbol of justice, of prudence, of balance because its function corresponds to the weighing of acts. Thus, like the characters Joana Carolina, from the narrative *Retábulo de Santa Joana Carolina* and Teresa, from the novel *O fiel e a pedra*, both from the writer Osman Lins, there are strong constructions of the silent force with strong decision power amid the traditionalism of the sertão. Therefore, the present work proposes a reading of the mentioned Osmanian characters, based on the conjunctures and the way of thinking and feeling the world that surrounds them through demonstrations of forces that can be read through the regard that reflects the experience. In the time and space of Joana and Teresa are exposed their pains: invisible, visible, trespassable, hard, enemy that transform breakouts of anger in ethical attitudes.

**KEYWORDS:** Osman Lins; *Retábulo*; Joana Carolina; Teresa; *O Fiel e a pedra*.

Sobre o Autor:

Cacio José Perreira



Possui Graduação em Língua e Literatura Portuguesa e Japonesa pela Universidade de Brasília (2005), Especialização em Linguística Aplicada (2008), Mestrado em Literatura - UnB - (2010), Doutorando em Estudos Literários Comparados (UnB). Participou do Programa *Japanese Language for Specialists*, da Fundação Japão, em Osaka/Japão (2014 -2015). Atualmente, trabalha na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) com Língua e Literatura Japonesa e Portuguesa. Presidente da Associação Brasileira de Estudos Japoneses - ABEJ (2014 - 2016). Participa do Grupo de Pesquisa Estudos Osmanianos: arquivo, obra, campo literário (UnB), Estudos Japoneses (UFAM) e Observatório de ensino de línguas (UFAM). Atua principalmente nas seguintes linhas: literatura comparada, língua e literatura japonesa, literatura portuguesa, linguística, linguística aplicada, tradução, representação literária, fábulas, questões sobre leitura e escrita.

[caciosan@hotmail.com](mailto:caciosan@hotmail.com)